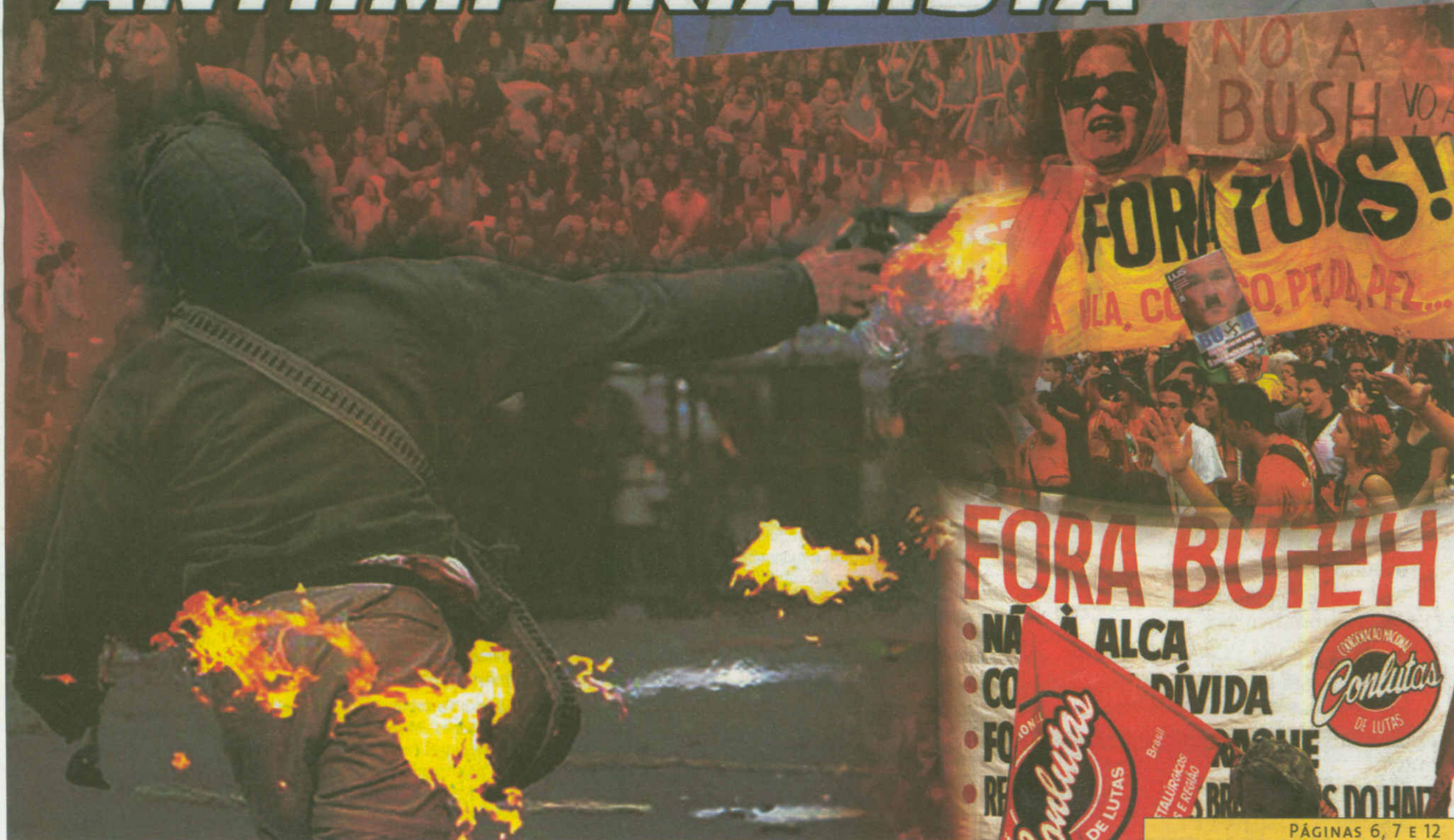
OPINIÃO SOCIALISTA

O JORNAL DO PSTU
ANO IX - EDIÇÃO 240
R$ 2 - DE 10 A 16/11/2005

VISITA DE BUSH REACENDE LUTA ANTIIMPERIALISTA

PÁGINAS 6, 7 E 12

FRANÇA:

QUEM SEMEIA MISÉRIA, COLHE VIOLÊNCIA

PÁGINA 9

DEFESA COLORIDA

O ex-presidente Fernando Collor, quem diria, tornou-se um defensor de Lula. Numa entrevista para a Agência Nordeste, Collor não poupou elogios ao petista e até fez uma declaração de voto. "Nesse quadro aí, em que nada se comprove contra Lula, voto em Lula". Quando sofreu o impeachment, Collor disse não saber de nada das operações de PC Farias. Agora repete o mesmo argumento para defender Lula: "Muita coisa o presidente não sabe, às vezes não tem como saber de tudo que acontece nos seus domínios".

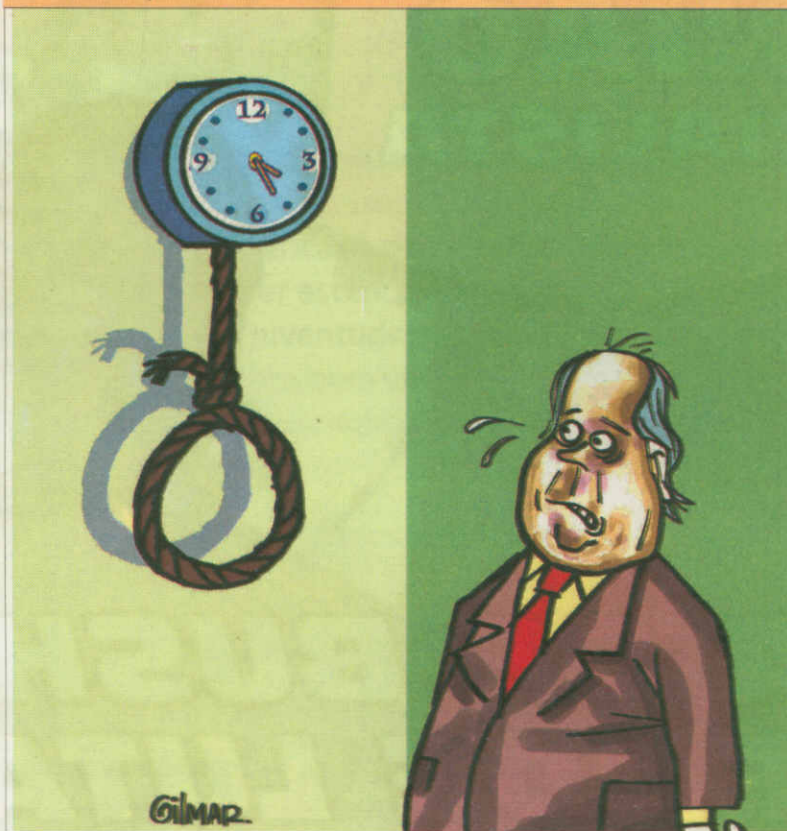
GUERRA PSICOLÓGICA

Uma nova arma está sendo adotada por Israel contra o povo palestino. Trata-se da utilização de sons ultra-sônicos, provocados por vôos rasantes da Força Aérea Israelense, que, ao cruzarem a barreira do som, provocam imensos estrondos. "A população fica apavorada, principalmente as crianças que não têm a capacidade de distinguir entre bombardeios reais e estrondos ultra-sônicos. Crianças interpretam barulhos fortes como um sinal de perigo imediato e entram em um estado de ansiedade e pânico", disse um psiquiatra

PÉROLA

"Não é fácil, talvez, ser meu anfitrião"

GEORGE W. BUSH, *admitindo para Nestor Kirchner, presidente da Argentina, sua impopularidade na América Latina. (O Estado de S.Paulo, 5/11/2004)*

CHARGE / *GILMAR*

JUSTIÇA BRASILEIRA

A "Justiça" do Ceará decidiu conceder aposentadoria ao juiz Pedro Pecy Barbosa de Araújo. Há apenas 36 dias, o mesmo Tribunal condenou o juiz a 15 anos de prisão em regime fechado por homicídio duplamente qualificado e a perda do cargo por ter assassinado, com um tiro na nuca, em fevereiro passado, o vigilante José Renato Coelho Rodrigues, num supermercado em Sobral (CE). Agora o Tribunal vai julgar se vai ou não diminuir a pena do juiz assassino.

VELHA ROTINA

O Banco Bradesco registrou lucro líquido de R$ 4,051 bilhões nos primeiros nove meses deste ano, 102,3% a mais do que no mesmo período do ano passado. O resultado é superior ao do Itaú, que ganhou R$ 3,827 bilhões de janeiro a setembro deste ano, 39,4% a mais do que em igual período de 2004. Outro banco que já divulgou resultado do terceiro trimestre foi o Banespa, que lucrou R$ 1,297 bilhão no mesmo período.

MÁ FASE

O quase ex-deputado José Dirceu vive realmente uma fase de amargar. No último fim de semana, a casa do deputado, localizada em um condomínio de alto padrão em Vinhedo (SP), foi assaltada. O delegado da região informou que os ladrões levaram uma televisão de grande porte com tela de plasma, charutos e guloseimas. Uma moradora do condomínio disse que um guarda municipal teve acesso à casa após o assalto e encontrou restos de charutos no imóvel. Como diz um famoso ditado popular: os assaltantes "terão, pelo menos, 100 anos de perdão".

LIBERDADE

Américo Novaes, líder da ocupação Parque Oeste Industrial, em Goiânia, foi solto na tarde do dia 7, por um habeas corpus. Américo havia sido preso há duas semanas, com a absurda desculpa de que, preso, iria "ajudar nas investigações". Enquanto isso, os PMs que mataram dois sem-tetos na desocupação do terreno seguem soltos.

ILAESE prepara I Seminário Nacional de Educação

O Instituto Latino-Americano de Estudos Sócio-econômicos fará nos dias 13 e 14 de novembro, em São Paulo, o Seminário Nacional de Educação, com apoio de entidades representativas dos trabalhadores em Educação do ensino fundamental e médio. Veja a programação:
MESA 1: A crise do capitalismo e as reformas neoliberais da Educação
MESA 2: O trabalho do educador: precarização e alienação
MESA 3: Educação: reforma ou revolução
MESA 4: As tarefas do movimento dos trabalhadores em educação e a construção de uma nova direção

INSCRIÇÕES:
educacao_seminario@yahoo.com.br
ou (11) 3350-6105
(11) 9918-0532 (Edgard)

WWW.PSTU.ORG.BR

PORTAL FARÁ BATE-PAPO SOBRE PROTESTOS EM MAR DEL PLATA

MANCHA, PRESIDENTE DO SINDICATO DOS METALÚRGICOS DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, ESTEVE NA ARGENTINA E CONVERSARÁ COM INTERNAUTAS

Na semana passada, a Argentina parou para repudiar o senhor da Guerra, George W. Bush. Convocados até pelo ex-jogador Maradona, milhares foram às ruas, em Mar Del Plata, em Buenos Aires e em diversas cidades.

Para falar sobre isso, o Portal do PSTU programou um bate-papo com Luiz Carlos Prates, o Mancha, de São José dos Campos. Com outros brasileiros, Mancha esteve em Mar Del Plata, participando dos protestos contra Bush e a Cúpula das Américas. Também esteve em debates sobre a reorganização do movimento operário.

O bate papo será nesta sexta-feira, dia 11, das 13h às 14h, e a sala estará disponível 10 minutos antes.

LEIA NESTA SEMANA

<JUVENTUDE>
Saiba como foi o boicote ao Enade

<INTERNACIONAL>
"Está surgindo uma nova escravidão no Estado espanhol"

<ARTIGOS>
A Alca e a Cúpula das Américas

<MULTÍMIDIA>
Galerias de fotos sobre os atos contra Bush e seu encontro com Lula

<MULTIMÍDIA>
Veja no site o programa de TV do PSTU

EXPEDIENTE

OPINIÃO SOCIALISTA
é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua Humaitá, 476 - Bela Vista - São Paulo - SP CEP 01321-010
Fax: (11) 3105-6316 e-mail: *opiniao@pstu.org.br*

CONSELHO EDITORIAL Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates "Mancha", Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary **EDITOR** Eduardo Almeida Neto **JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555) **REDAÇÃO** Diego Cruz, Jeferson Choma, Wilson H. Silva, Yara Fernandes **PROJETO GRÁFICO E CAPA** Gustavo Sixel **DIAGRAMAÇÃO** Gustavo Sixel e Mônica Biasi **IMPRESSÃO** Gráfica Lance (11) 3856-1356 **ASSINATURAS** (11) 3105-6316 *assinaturas@pstu.org.br - www.pstu.org.br/assinaturas*

ENDEREÇOS

SEDE NACIONAL

Rua Humaitá, 476
Bela Vista - São Paulo (SP)
CEP 01321-010 - (11) 3105-6316

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br
livraria@pstu.org.br
internacional@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - Rua A-41, Quadra B5, 258
Bairro Graciliano Ramos - Maceió - AL
(82)9903.1709 (81)9101.5404
maceio@pstu.org.br

AMAPÁ

MACAPÁ - Rua Guanabara, 504 - Pacoval
(96) 225-4549 *macapa@pstu.org.br*

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823,
Centro (92) 234-7093
manaus@pstu.org.br

BAHIA

SALVADOR - R.Fonte do Gravatá, 36,
Nazaré (71) 321-3632
salvador@pstu.org.br
ALAGOINHAS - R. 13 de Maio, 42 Centro
IPIAÚ - Av. Lauro de Freitas, 282, Centro
VITÓRIA DA CONQUISTA - Rua C, Quadra C, 27 - Morada do Bem Querer - Candeias
www.pstu.org.br/conquista

CEARÁ

FORTALEZA *fortaleza@pstu.org.br*
CENTRO -Av. Carapinima, 1700,
Benfica (82) 254-4727
www.pstufortaleza.org
MARACANAÚ -Rua 1, 229 -
Conjunto Jereissati 1
JUAZEIRO DO NORTE - Rua Padre
Cícero, 985, Centro

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - Setor de Diversões Sul -
CONIC - Edifício Venâncio V, sala 506.
Asa Sul - Brasília - DF
brasilia@pstu.org.br

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA - *vitoria@pstu.org.br*

GOIÁS

FORMOSA - Av. Valeriano de Castro,
nº 231, Centro - (61) 631-7368
GOIÂNIA - R. 70, 715, 1º and./sl. 4
(Esquina com Av. Independência)
(62) 9244-9090 *goiania@pstu.org.br*

MARANHÃO

SÃO LUÍS - (98) 3245-8996 / 3258-0550
saoluis@pstu.org.br

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165,
Jd. Leblon (65) 9956-2942

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921
Vila Planalto (67) 384-0144
campogrande@pstu.org.br

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE *bh@pstu.org.br*
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 -
Centro (31) 3201-0736
BETIM - R. Inconfidência, sl 205 Centro
CONTAGEM - Rua França, 532/202 -
Eldorado - (31) 3352-8724
JUIZ DE FORA juizdefora@pstu.org.br
UBERABA R. Tristão de Castro, 127 -
(34) 3312-5629 - *uberaba@pstu.org.br*
UBERLÂNDIA - R. Ipiranga, 62 - Cazeca

PARÁ

BELÉM *belem@pstu.org.br*
Tv. do Vileta, 2.519 - (91) 226-3377
ICOARACI - R. Pe. Júlio Maria, 403/1
(91) 227-8869 / 247-7058
CAMETÁ - Tv. Maxparijós, 1195, B. Novo
RONDON DO PARÁ - R. Ayrton Senna,
147 (94) 326-3004
SÃO FRANCISCO DO PARÁ - Rod. PA-320,
s/nº (ao lado da Câmara) (91) 96172944

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto,
391, 1º andar - Centro (83) 241-2368 -
joaopessoa@pstu.org.br

PARANÁ

CURITIBA - R. Alfredo Buffren, 29 sl. 4

PERNAMBUCO

RECIFE -Rua Leão Coroado, 20/1º andar,
Boa Vista (81) 3222-2549
recife@pstu.org.br

PIAUÍ

TERESINA - Rua Quintino
Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO *rio@pstu.org.br*
(21) 2232-9458
LAPA - Rua da Lapa, 180 - sobreloja
DUQUE DE CAXIAS - Rua das Pedras,
66/01, Centro
NITERÓI - *niteroi@pstu.org.br*
NOVA FRIBURGO - Rua Guarani, 62
- Cordueira (24) 2533-3522
NOVA IGUAÇU - Rua Cel Carlos de Matos,
45 - Centro *novaiguacu@pstu.org.br*
SÃO GONÇALO - Rua Ary Parreiras, 2411
sala 102 - Paraíso (próximo a FFP/UERJ)
SUL FLUMINENSE
sulfluminense@pstu.org.br
BARRA MANSA - Rua Dr Abelardo de
Oliveira, 244 Centro (24) 3322-0112
VALENÇA - Pça Visc.do Rio Preto,
362/402, Centro (24) 3352-2312
VOLTA REDONDA
Av. Paulo de Frontim, 128- sala 301
Bairro Aterrado
NORTE FLUMINENSE
nortefluminense@pstu.org.br

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL
CIDADE ALTA - R. Dr. Heitor Carrilho,
70 (84) 201-1558
ZONA NORTE - Rua Campo Maior, 16
Centro Comercial do Panatis II

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE *portoalegre@pstu.org.br*
CENTRO - R. General Portinho, 243
(51) 3286-3607 / 3024-3486 /
3024-3409
ZONA NORTE - Av. Baltazar de Oliveira
Garcia, 2669 Sala 205 (Esquina com
Manoel Elias) - (51) 3024-3419
BAGÉ - (53) 241-7718
CAXIAS DO SUL - (54) 9999-0002
GRAVATAÍ - Av. Dorival Cândido
Luz de Oliveira, 6330 - Parada 63 -
(ao lado do Snek Beer)
PASSO FUNDO - (54) 9982-0004
PELOTAS - (53) 9126-7673
pelotas@pstu.org.br
RIO GRANDE - (53) 9977-0097
SANTA MARIA - (55) 8116-2932,
santamaria@pstu.org.br
SÃO LEOPOLDO - Rua João Neves da
Fontoura,864, Centro, 591-0415

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos,
104, Centro (48) 225-6831
floripa@pstu.org.br
CRICIÚMA - Rua Pasqual Meller, 299,
Bairro Universitário

SÃO PAULO

SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br*
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248
- São Bento (11) 3313-5604
ZONA NORTE -Rua Rodolfo Bardela, 183
V. Brasilândia (11) 3925-8696
ZONA LESTE - R. Eduardo Prim
Pedroso de Melo, 18 (próximo
à Pça. do Forró) - São Miguel
ZONA SUL Santo Amaro – Av. João
Dias, 1.500 - piso superior
BAURU - Rua Antonio Alves nº6-62 -
Centro - (14) 227-0215
bauru@pstu.org.br
www.pstubauru.ig.com.br
CAMPINAS - R. Marechal Deodoro, 786
(19) 3235-2867
campinas@pstu.org.br
CAMPOS DO JORDÃO - Av. Frei Orestes
Girard, 371, sala 6 - Bairro Abernéssia
(12) 3664-2998
FRANCO DA ROCHA - R. Washington
Luiz, 43, Centro
GUARULHOS *guarulhos@pstu.org.br*
Av. Esperança, 705 casa 2
Vila Progresso (11) 6441-0253
Av. João Veloso, 200 - Cumbica
(11) 3436-8887
JACAREÍ - R. Luiz Simon,386 - Centro
(12) 3953-6122
LORENA -Pça Mal Mallet, 23/1 - Centro
MOGI DAS CRUZES - Rua Engenheiro
Gualberto, 53 - Centro - (11) 4796-8630
www.pstu.org.br/altotiete
RIBEIRÃO PRETO
Rua Paraíso, 1011, Térreo -
Vila Tibério (16) 3637-7242
ribeiraopreto@pstu.org.br
SANTO ANDRÉ -Rua Oliveira Lima, 279
sala 5 - 2º andar
SÃO BERNARDO DO CAMPO -
R. Mal. Deodoro, 2261 - Centro
(11) 4339.7186
saobernardo@pstu.org.br
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
sjc@pstu.org.br
VILA MARIA - R. Mário Galvão, 189
(12)3941.2845
ZONA SUL - Rua Brumado, 169 -
Vale do Sol
SOROCABA - Rua Prof. Maria de
Almeida, 498 - Vila Carvalho
(15)3211.1767
sorocaba@pstu.org.br
SUMARÉ -Av. Principal, 571 - Jd. Picemo I
SUZANO *suzano@pstu.org.br*
TAUBATÉ - Rua D. Chiquinha de Mattos,
142/ sala 113 - Centro

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco
José da Fonseca, 1538-b
Cjto. Orlando Dantas (79) 3251-3530
aracaju@pstu.org.br

EDITORIAL

MANUAL PARA EVITAR ENROLAÇÕES

Uma das frases mais ouvidas por todos aqueles que têm qualquer tipo de ligação com os trabalhadores e a juventude é o "não acredito nos políticos". Isso expressa bem o descrédito merecido pelos partidos burgueses e reformistas, por todos esses "políticos" envolvidos com o jogo parlamentar. A experiência com o PT no governo aumentou em muito esse sentimento, e com toda a razão.

Na semana passada, ocorreu um episódio que reforça esse sentimento e merece ser discutido. Enquanto Lula recebia Bush em Brasília, o PT e o PCdoB participavam de atos em todo o país contra a visita do presidente dos EUA.

Um desavisado poderia pensar que se trata de diferenças no interior do PT e do PCdoB. Enquanto uns estão a favor das negociações em curso do governo com Bush, outros estariam contra. Uma observação simples dos discursos desses partidos nos atos demonstra que não é assim. Em todos eles, PT e PCdoB atacaram o imperialismo e a visita de Bush, mas em momento algum criticaram Lula. Falavam como se quem estivesse recepcionando o "senhor da guerra" fosse o PSDB ou o PFL.

Na verdade, o que ocorreu é apenas mais uma farsa política. Da mesma maneira como o PT e o PCdoB falam em seus atos contra a corrupção, mas defendem o corrupto governo Lula dos mensalões, agora atacam Bush, mas seguem defendendo o amigo do presidente dos EUA no governo.

Acontece que Bush não é popular no Brasil, assim como em lugar nenhum da América Latina. Era preciso disfarçar o churrasco em Brasília, os comentários amistosos. Ocorre que o PT e o PCdoB vão querer convencer o povo que foi a resistência de Lula e Kirchner que impediu a vitória da Alca em Mar del Plata. É preciso fazer esquecer que Lula se comprometeu com Bush em retomar as negociações da Alca, caso o governo dos EUA diminua as restrições aos produtos dos latifundiários brasileiros.

O jogo das aparências dos partidos corrompidos pela prática parlamentar da burguesia pode ser revelado assim: se um "político" ou um partido ataca a corrupção, mas não ataca o governo, o Congresso e os grandes partidos, pode ter certeza de que ele também está envolvido em corrupção e só está querendo te enrolar.

Da mesma maneira, se um "político" ou um partido critica Bush, mas se recusa a atacar o governo Lula que aplica as ordens do "chefe" (igual ao governo FHC), saiba que, mais uma vez, estão tentando te enganar.

Para lutar contra a corrupção, para lutar contra o imperialismo, Fora todos!

FALA ZÉ MARIA

Um balanço sobre a Assembléia Popular

José Maria de Almeida, o Zé Maria, é Presidente Nacional do PSTU e integra a Coordenação da Conlutas

Realizada em Brasília entre 25 e 28 de outubro, a Assembléia Popular foi organizada pelas Pastorais Sociais da Igreja católica, Campanha Brasileira Contra a ALCA e a Dívida Externa e Consulta Popular, e teve a participação de mais de 5 mil pessoas. A Conlutas não participou da organização da Assembléia, mas enviou uma pequena representação que participou das discussões.

A Assembléia representou alguns dos dilemas que hoje afligem os movimentos sociais no país. Os participantes buscavam respostas para fortalecer suas lutas e ansiavam por expressar seu descontentamento com o governo Lula. Um dos momentos mais aplaudidos na mesa de abertura política foi quando Sandra Quintela disse que as pessoas já estão cansadas de um sistema eleitoral em que "a gente vota e depois fica marcando no relógio a hora em que aquele que foi eleito por nós vai nos trair". *A alusão a Lula era óbvia na cabeça das pessoas.*

A Assembléia avançou ao sistematizar um conjunto de bandeiras dos movimentos e apontar uma proposta de calendário comum de lutas para o próximo ano. Valorizo particularmente a Jornada de Lutas pela Soberania e Contra o Pagamento das Dívidas Externa e Interna proposta para a semana da pátria de 2006. Essa questão tem grande relevância para o país e para a classe trabalhadora.

No entanto, há ainda ambigüidades que são importantes, principalmente em relação ao governo federal. A preocupação em evitar a polarização "contra e a favor" do governo foi reveladora. O tema governo não aparece nem na Carta Final da Assembléia. É como se a luta do povo não tivesse nada a ver com o governo Lula. Essa limitação não é menor, pois a luta pela realização do conjunto de bandeiras sistematizadas na Carta é também uma luta contra esse governo que aí está. A luta contra o imperialismo é fundamental nos tempos em que vivemos. Mas, o imperialismo opera suas políticas dentro dos nossos países através de vários instrumentos e os mais importantes são os governos nacionais. No caso do Brasil, é o próprio governo Lula. Quem é que dá continuidade ao pagamento das dívidas com a fome do povo? Quem aplica aqui as políticas do FMI? Quem mandou tropas brasileiras para o Haiti? Essa ambigüidade persiste porque não se quer enfrentar o governo Lula.

O discurso feito por João Pedro Stédile teve como centro a defesa da reeleição de Lula, analisando que um governo Lula, reeleito, não reprimiria as mobilizações que virão e se aliaria ao povo. Para que serve continuar disseminando essas ilusões de que Lula é nosso aliado contra as elites, a não ser para gerar confusão e enfraquecer a luta social?

Lembremos que essa ambigüidade em relação ao governo Lula foi fator importante na crise que viveu e vive a Campanha Brasileira Contra a Alca e a Dívida Externa. Em que deu a crença de vários setores de que Lula no governo atenderia a essas reivindicações dos movimentos sociais?

Outro elemento importante a ser superado é a existência de reservas que ainda dificultam uma unidade maior de todos os setores que querem lutar em torno dessas bandeiras. Parte das dificuldades parece ter sido removida ainda no processo preparatório da Assembléia. Mas, isso agora tem que avançar para um patamar superior, para que, no encaminhamento desse plano de ação, todos os setores que com ele têm acordo possam efetivamente participar de igual para igual. É condição importante para que setores significativos do sindicalismo brasileiro possam se integrar plenamente nessa luta, o que tem uma importância óbvia para a luta em si e para todos os setores envolvidos nela.

UM BEIJO ENRUSTIDO NUMA NOVELA DESASTROSA

WILSON H. DA SILVA, *da redação*

O dia 4 de novembro, ao invés de "entrar para a História", como havia prometido, colocando no ar o primeiro beijo gay da teledramaturgia, a Rede Globo preferiu acrescentar mais um capítulo ao seu currículo de desserviços prestados, no caso, a gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros (GLBT).

Há tempos, divulgava-se que o personagem Júnior (Bruno Gagliasso) e o peão Zeca (Erom Cordeiro) iriam emplacar um ardente beijo no final da novela América. A autora Glória Perez e a emissora não falaram em outro assunto durante dias. Contudo, o que se viu foi algo entre o patético e o fraudulento: depois de olhares apaixonados, o tal beijo foi interrompido por um corte brusco.

Esperado como final de Copa do Mundo, particularmente pela comunidade GLBT, o beijo que nunca existiu colocou em foco o debate sobre as relações entre as telenovelas e a sociedade brasileira e, particularmente, sobre a representação de gays e lésbicas no mais influente produto dos meios de comunicação de massa do país.

MUITO BARULHO POR NADA, A NÃO SER GRANA

Enquanto gays e lésbicas urravam de raiva (via internet ou em boates e bares que haviam programado festas para acompanhar a cena), os únicos que deveriam estar com amplos sorrisos nos lábios eram os donos da Globo e seus patrocinadores.

A promessa do beijo foi uma das principais responsáveis por ter feito com que o último capítulo de uma novela medíocre tenha batido todos os recordes, atraindo 70% da audiência.

Depois da fraude e diante da péssima repercussão da história, inclusive na imprensa internacional, a emissora e a autora entraram num jogo de empurra digno da novela de péssimo gosto que eles produziram. Glória jura que não vetou a cena e a emissora afirma que nunca recebeu o capítulo.

Ao que tudo indica, a partir do depoimento dos dois atores, a única coisa em que se pode acreditar de fato é que a cena realmente foi filmada.

Uma fraude cujo conteúdo e forma, diga-se de passagem, são totalmente condizentes com o desenrolar da novela. Baseada na colonizada idéia da busca da felicidade em Miami e no não menos colonizado universo country, a trama foi um show de futilidades e incongruências na narrativa. Símbolo da confusão que instaurou na história foi a perda de rumo dos protagonistas (os insuportáveis Tião e Sol, vividos por Murílio Benício e Deborah Secco), que praticamente desapareceram da trama.

A LÓGICA DO MERCADO, DE NOVO

O beijo que nunca rolou tem muito a ver com essas dificuldades da novela. Na falta de uma boa história, a autora e a emissora apelaram a personagens e tramas secundários, além de uma série de "factóides", numa tentativa de "esquentar" a audiência (e satisfazer os patrocinadores, que investiram pesado na novela, vendendo de tudo nos chamados *merchadisings* – cenas absurdas em que os atores viram vendedores de qualquer coisa).

Foi assim, por exemplo, com as cenas de uma falsa beata, de bailes funks de gosto pra lá de questionável, de um apelativo programa voltado para deficientes físicos e de uma alucinada ponte-área que fez com que Miami parecesse ter virado um bairro carioca.

O "suspense" em torno do beijo era a cereja desse bolo mal feito. A "polêmica" criada (ou fabricada) serviu para levar milhões para frente da TV no último capítulo. O desfecho, por sua vez, é mais uma demonstração da perversa lógica dos meios de comunicação nesta sociedade hipócrita.

VALEU TUDO, VALE O QUE QUISER, SÓ NÃO VALE...

Que novelas não podem nem devem ser retratos fiéis da realidade, é algo evidente. Até mesmo porque sua essência – e grande parte de seu poder – é tocar no imaginário do povo, seus sonhos e desejos.

Exatamente por seu enorme poder em influenciar tendências, e comportamentos (da moda à linguagem, passando pela divulgação de conceitos e preconceitos), as novelas, particularmente para uma sociedade onde a TV é quase a única opção de lazer para milhões, têm um enorme poder para ditar o que é "normal" ou não. E, conseqüentemente, poderiam cumprir um importante papel no combate aos preconceitos enraizados na população.

Nesse sentido, a "mensagem" final deixada pela Globo é lamentável. Meio que recriando os lamentáveis versos popularizados pelo saudoso Tim Maia – *"vale tudo, vale o que quiser, só não vale dançar homem com homem, nem mulher com mulher"* –, a emissora, movida por razões mercadológicas (a inegável existência de um público GLBT cada vez mais exigente) decidiu incorporar personagens homossexuais, roubando-lhes, contudo, o direito a uma vivência "normal" e plenamente digna.

Os homossexuais que têm espaço nas tramas são os gays e lésbicas que o mercado quer ver. Para patrocinadores das milionárias novelas é até possível admitir que casais homossexuais lindos, ricos e loiros sejam exibidos nas telas, já que eles podem ajudar conquistar a simpatia de consumidores em potencial, que tenham o mesmo perfil.

No entanto, também se tornou quase uma pré-condição que esses personagens sejam praticamente assexuados ou manifestem sua orientação sexual com tal "sutileza" que ela se torne quase imperceptível (eles jamais freqüentam locais GLBT).

O "caso América" também foi exemplar. Houve um momento em que a indecisão e as dúvidas do personagem Júnior (plausíveis na vida de qualquer homossexual) chegaram a criar a expectativa de que ele sequer fosse gay (ou pudesse ser "curado").

É importante lembrar que, ao mesmo tempo que a representação de gays e lésbicas como gente "normal" é sistematicamente negada, todos os sábados, um detestável programa de humor, logo após a novela, da mesma Globo, coloca no ar um esteriótipo de gay destinado ao riso e ao achincalhe.

E pior: para justificar essa postura, não falta nunca quem venha com o lamentável argumento de que *"o público ainda não está pronto para 'esse tipo de coisa' e que, principalmente, nesse horário, as crianças ainda estão na sala"*. Haja hipocrisia!

É "normal" que as famílias (e suas crianças) convivam com assassinatos mirabolantes, com relações afetivas e sexuais travadas apenas por interesse e até mesmo com cenas "apimentadas" (e muitas vezes vulgares) de sexo heterossexual.

O que "não vale", aquilo que o público jamais pode admitir como "normal", é um simples beijo entre dois homens ou duas mulheres. Mais homofobia do que isso é difícil de se encontrar.

PROTESTAR É PRECISO, MAS NÃO SÓ ISSO

Diante de tudo isso, grupos do movimento GLBT estão se organizando para repudiar o corte da cena. No dia 8, durante Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Transgêneros, realizou-se um "beijaço" (promoção de um beijo coletivo). Ato semelhante ocorrerá também no dia 12, desta vez na portaria da Globo, no Rio de Janeiro.

Esses atos e as demais manifestações que possam ser feitas são mais do que bem-vindas. Contudo, cairão no vazio caso se limitem à denúncia, desvinculando-a da verdadeira e única luta que nós, gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros devemos travar para acabar com o preconceito e a discriminação e para que, de fato, sejamos tratados com a dignidade que desejamos: a luta contra o sistema capitalista e sua inata hipocrisia.

PARTE DO MENSALÃO FOI DESVIADA DO BANCO DO BRASIL

DEPOIS DE elogios a Lula, oposição de direita recua de ataques ao governo

DIEGO CRUZ, da redação

Diante de farta evidência acumulada nesses 150 dias de crise, a CPI dos Correios foi obrigada a reconhecer o que todos já sabiam: os recursos utilizados para pagar o mensalão foram desviados dos cofres públicos. A denúncia, com tom de reconhecimento, partiu, no último 3 de novembro, do relator da Comissão de Inquérito, o deputado Osmar Serraglio (PMDB). Só após mais de cinco meses de investigação, com provas e evidências surgindo quase diariamente, a CPI resolveu evitar maior desmoralização e desmentiu a versão de que o caixa 2 do PT viria de empréstimos bancários contraídos por Marcos Valério.

Os documentos apresentados pela CPI desmontam a farsa articulada entre o Planalto, o PT e Marcos Valério, segundo a qual toda a crise política se resumiria no financiamento ilegal de campanhas eleitorais. De acordo com documentos bancários, pelo menos R$ 10 milhões dos recursos distribuídos pelo operador do mensalão, Marcos Valério, foram desviados do Banco do Brasil. A revelação joga uma pá de cal na tese dos empréstimos supostamente firmados por Valério junto ao BMG, argumento que nem mesmo a recém-falecida velhinha de Taubaté poderia acreditar.

BB: NEM PARECE BANCO

O esquema do assalto petista ao dinheiro público era realizado por uma movimentação financeira envolvendo a empresa Visanet, o Banco do Brasil, o BMG e as empresas de Marcos Valério. De acordo com a CPI, a empresa de cartão de crédito Visanet, ligada ao BB, repassou R$ 35 milhões para a conta da DNA.

Um mês depois, a DNA repassa R$ 10 milhões para uma conta do BMG, cujo favorecido era o próprio banco. Quatro dias depois, o BMG realizava um empréstimo com a mesma cifra para uma empresa que tinha Marcos Valério como sócio. Esses são os recursos que, segundo o empresário, foram repassados ao PT. O responsável pela liberação deles teria sido o então diretor de marketing do banco, Henrique Pizzolato, ex-diretor da Previ e um dos principais arrecadadores da campanha eleitoral de Lula.

Em oito meses, o governo Lula repassou cerca de R$ 73 milhões do Banco do Brasil para a DNA, que seriam pagamentos adiantados de serviços. Essa é apenas a ponta do iceberg do mensalão. Além dos Correios, o envolvimento dos fundos de pensão e demais estatais no esquema de desvio continua nebuloso.

FOTOS AGÊNCIA BRASIL

José Dirceu. No alto, Arthur Virgílio e Eduardo Azeredo, ambos do PSDB

FARINHA DO MESMO SACO

As investigações não se aprofundarão na descoberta de todas as fontes do mensalão. Até porque isso implicaria no envolvimento de praticamente todos os partidos de direita. Denúncia publicada pela revista *Carta Capital* atesta que o esquema de desvio de dinheiro público pelas agências do empresário mineiro não começou no governo Lula, mas já funcionava no governo tucano. Contratos fraudados no governo FHC teriam garantido à empresa de Marcos Valério, a SMPB, cerca de R$ 40 milhões (valores atualizados), entre pagamentos sem comprovação, fraudes e superfaturamento. Destes, pelo menos R$ 10 milhões teriam ido direto para a campanha do então candidato a governador pelo estado de Minas em 98, Eduardo Azeredo (ex-líder do PSDB).

Enquanto a oposição de direita insiste na denúncia estapafúrdia dos dólares supostamente enviados por Fidel em garrafas de rum à campanha do PT, o governo Lula, tendo à frente o Ministro da Justiça Márcio Thomaz Bastos, barra qualquer tentativa de aprofundamento das investigações, como por exemplo sobre a origem dos recursos mandados para Duda Mendonça no exterior. Já na Câmara, o "comunista" Aldo Rebelo coordena a pizza e trabalha para que a crise se estabilize.

DIREITA: OPOSIÇÃO PARA AMERICANO VER

Na semana em que Bush veio conferir de perto a performance de seu quintal, a oposição de direita tentou elevar o tom do discurso e cogitou até mesmo impeachment, palavra sempre utilizada com a máxima precaução. Mas, como desde o início da crise, o discurso de PSDB e PFL não passa de oposição para americano ver. Alegando ser vítima de grampos telefônicos e arapongagem do Planalto, o líder tucano Arthur Virgílio chegou a afirmar que daria uma "surra" em Lula. O deputado ACM Neto, cuja família entende muito bem de grampos, foi na onda e elevou os ataques ao governo.

No entanto, à medida que se agravam as denúncias, as provas aparecem e o governo se vê mais encurralado, nos bastidores do Congresso o acordão avança sem maiores problemas. O processo de cassação de José Dirceu, apesar da CPI ter aprovado o relatório sugerindo o fim do mandato, se arrasta há meses. Já o caso do deputado Sandro Mabel (PL) é ainda mais estarrecedor. O relatório aprovado por unanimidade pelo Conselho de Ética da Câmara defende simplesmente o arquivamento do caso. Os 14 integrantes do Conselho, parlamentares do PSDB, PFL, PMDB e até mesmo do P-SOL (Chico Alencar e Orlando Fantazzini) ignoraram as denúncias contra Mabel, que coordenou a distribuição do mensalão entre o PL e o PP, e votaram pela sua absolvição.

Portanto, a verborragia da direita pretende apenas desgastar Lula até 2006, sem sobressaltos. E, após Bush tecer rasgados elogios ao governo brasileiro, PSDB, PFL e até mesmo a Ordem dos Advogados do Brasil, recuaram no discurso e descartaram a possibilidade de impeachment. Na verdade, fazem o que o chefe mandou.

FORA TODOS!

Por isso, o **PSTU** defende o "Fora Todos". As instituições da democracia burguesa desgastam-se a cada novo escândalo. É preciso, mais do que nunca, repetir e intensificar as mobilizações contra o governo e o Congresso corruptos, construindo nas ruas uma alternativa de poder a esse regime dos ricos.

CONTINUAR A LUTA PARA DERROTAR DEFINITIVAMENTE O IMPERIALISMO E A ALCA

A ARGENTINA E O BRASIL viveram um momento político importante com o repudio à visita de Bush. É hora de discutir com profundidade sobre os rumos da luta antiimperialista, o papel de governos como o de Lula, Kirchner e Chávez, a crise da Alca e o significado da Alba

MAR DEL PLATA: A CRISE DA ALCA

***EDUARDO ALMEIDA**, da redação*

Existe uma crise no projeto imperialista da Alca, que poderia levar a sepultar esse projeto, caso o governo Lula assim o quisesse. A IV Cúpula das Américas, em Mar del Plata, terminou com uma derrota para Bush: mesmo com a pressão do governo dos EUA, não se referendou a retomada das negociações da Alca.

Mas esse projeto não está morto. Mesmo com a derrota conjuntural em Mar del Plata, ele pode terminar sendo vitorioso se não houver uma luta continental. É preciso lutar contra a Alca e contra governos como o de Lula.

ALCA = RECOLONIZAÇÃO

A Alca é um projeto de recolonização da América Latina. Através dela, deixariam de existir quaisquer fronteiras econômicas entre os EUA (que, sozinhos, têm 77% do PIB de todo o continente) e os países semicoloniais das Américas, com o livre ingresso de capitais, serviços e produtos norte-americanos. Os traços de soberania que sobram em nossos países seriam destruídos. A saúde e educação públicas tenderiam a não existir mais, porque as multinacionais teriam direito aos mesmos financiamentos que os hospitais e escolas públicas. Até pendências jurídicas entre as multinacionais e os governos de qualquer país não seriam mais resolvidas pela justiça local, mas por um tribunal com forte incidência norte-americana.

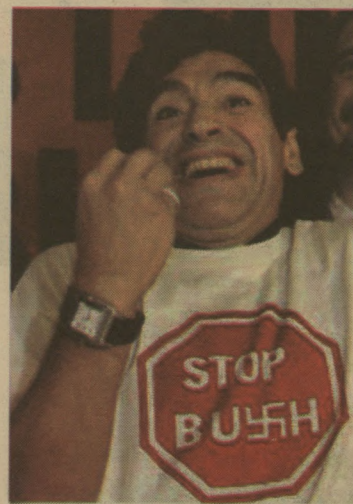
Esse projeto foi lançado na primeira Cúpula das Américas, em 1994, em Miami, pelo governo dos EUA. Na II Cúpula (Santiago do Chile, 1998) e III (Quebec, Canadá, 2001), a Alca foi reafirmada, com seus prazos máximos de negociação previstos para 2005, nesta IV Cúpula. A derrota em Mar del Plata, portanto, tem grande importância.

A ORIGEM DA CRISE

A crise da Alca começa no próprio EUA. O imperialismo quer impor o livre comércio em todo o mundo, à medida que tem as empresas mais fortes em termos tecnológicos, financeiros e capacidade de produção, capazes de arrasar suas concorrentes. Mas, existe uma contradição, porque o governo dos EUA busca também preservar setores mais atrasados de sua burguesia, que não conseguem competir a nível internacional (parte da burguesia agrária e dos produtores de aço). Entre 1995 e 2000 (já com as negociações da Alca) aumentou os subsídios para a agricultura em 260%. Em 2001, Bush aumentou as tarifas de importação do aço em 30%.

Essa crise não tem a ver somente com a América Latina. Em dezembro se reunirá a Organização Mundial do Comércio, na qual está prevista uma nova crise. A chamada Rodada Doha das negociações, lançada em 2001, também estava prevista para terminar em 2005, mas está emperrada, por um conflito entre os EUA e a União Européia, cada um buscando abrir os mercados dos outros para favorecer suas burguesias mais dinâmicas, mas não abrir os seus próprios nos setores mais atrasados, em particular na agricultura.

O problema nas negociações com os governos brasileiro e argentino tem a ver com essa questão. Lula e Kirchner estão longe de defender a "soberania". Kirchner voltou a pagar a dívida externa argentina, depois da moratória imposta pela crise de 2001. Lula aplica todo o receituário do FMI e não cansa de se declarar a favor da Alca, como fez logo depois da cúpula.

A esses problemas econômicos se soma a ampliação da consciência e da resistência antiimperialista em todo o mundo. A manifestação de Mar del Plata, foi um exemplo disso, uma das maiores mobilizações antiimperialistas dos últimos anos.

Onde Bush vai provoca manifestações contrárias. Não se trata somente dele e nem apenas dos EUA. O problema é o imperialismo e as mobilizações da última semana na França comprovam isso. Mas Bush, por expressar o imperialismo hegemônico, com sua política sem disfarces, concentra o ódio de todo o mundo.

A combinação entre os problemas econômicos do imperialismo e o ambiente antiimperialista crescente explicam a crise de Mar del Plata.

A LUTA CONTINUA

Mas, enganam-se os que acreditam que a Alca está sepultada. Os EUA contam com o apoio explícito de 29 países para sua implementação, tendo à frente México e Chile. Os princípios da Alca já estão sendo aplicados, tanto no México (com o Nafta), como agora com tratados regionais, como o Tratados de Livre Comércio que Bush faz com Colômbia, Peru e Equador.

Por fim, é muito importante ver o comportamento dos governos brasileiro e argentino. Na Cúpula, Lula fez parte de um bloco intermediário, contrário à posição de Chávez (que queria decretar o fim da Alca), como do bloco liderado pelo presidente mexicano, Vicente Fox (que queria marcar a retomada das negociações para abril de 2006). Lula, da mesma forma que Kirchner, quer retomar as negociações, mas depois da reunião da OMC, condicionada a maiores concessões dos EUA para a abertura de seus mercados.

Em 2006, portanto, estará colocada novamente a perspectiva de retomada das negociações da Alca. Nosso futuro não pode estar nas mãos de governos entreguistas como o de Lula.

"O que se viu foi o repúdio da população argentina a Bush"

A Conlutas esteve nos protestos de Mar del Plata. Luiz Carlos Prates, o *Mancha*, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São José Campos, fez parte da delegação que foi à Argentina.

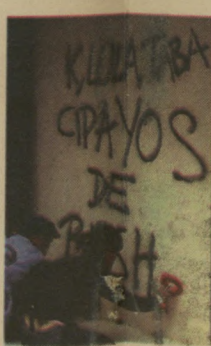
Como foram as manifestações na Argentina?

Mancha – Elas ocorreram em Mar del Plata, local da Cúpula da OEA, mas também em toda a Argentina, como em Buenos Aires, que foram combinadas com paralisações parciais do transporte e da educação. O que se viu foi o repúdio da população argentina à visita do Bush e à realização daquela conferência, visto em milhares de cartazes e pichações contra o imperialismo.

No local da Cúpula, houve pela manhã diversas manifestações. A principal foi organizada pela CTA e pela Cúpula dos Povos das Américas, que contou com 40 mil pessoas e com a participação de Maradona e Perez Esquivel (prêmio Nobel da Paz).

Infelizmente, não houve uma manifestação conjunta que reunisse todos que estavam contra Bush. Houve outro protesto à tarde, com os partidos de esquerda, como o PO (*Partido Obrero*), MST, PTS, e demais agrupamentos. A FOS (*Frente Obrera Socialista*), partido irmão do **PSTU** na Argentina, participou das duas passeatas.

Essa manifestação reuniu cinco mil pessoas, que foram até o local em que se realizava a Conferência da OEA. Como havia muitos policiais impedindo a aproximação dos manifestantes do local onde estavam os chefes de Estado, ocorreu um confronto e uma repressão dura pelas forças de segurança.

Como foi a participação do PSTU e da Conlutas nos atos?

Mancha – Eu estava representando os metalúrgicos de São José, estava também o Eliseu (judiciários de São Paulo) e o Dalton Santos (petroleiro de Sergipe). Participamos ativamente de todos os atos que aconteceram contra Bush e da Cúpula dos Povos. Tivemos um seminário em defesa das reservas de petróleo e gás da América Latina e contra a criminalização dos movimentos sociais, que contou com companheiros da Argentina e do Paraguai.

WWW.PSTU.ORG.BR

Participe do bate-papo com Mancha, nesta sexta, dia 11

Lula e Bush: elogios e parcerias

***JEFERSON CHOMA**, da redação*

Após deixar a Argentina, Bush realizou sua primeira visita ao Brasil. Como no país vizinho, o presidente norte-americano teve que enfrentar dezenas de protestos. Contrariando o sentimento que vinha das ruas, Lula fez questão de recebê-lo com toda pompa. Até mesmo um churrasco foi servido à delegação dos EUA.

Bush não poupou elogios a Lula. Disse em entrevista ao Estado de S.Paulo, *que o governo brasileiro* "é importante" *pois está* "numa posição capaz de influenciar os países do hemisfério". *Também não esqueceu de agradecer ao petista pela ocupação que o exército brasileiro lidera no Haiti.*

PARCERIA NA ALCA

Mas, o tema principal do encontro foi a retomada das negociações da Alca. Lula defendeu como condição para a retomada das negociações a redução dos subsídios concedidos pelo governo dos EUA aos seus agricultores. Bush disse que os EUA estão dispostos a reduzir os subsídios se, ao mesmo tempo, os países da União Européia reduzirem os seus.

A declaração de Bush fez a alegria dos representantes do governo brasileiro.

Segundo o ministro Luiz Fernando Furlan, esse é o tema que "mais interessa ao Brasil", *leia-se aos grandes fazendeiros. Já o assessor especial Marco Aurélio Garcia declarou que o fim dos subsídios é uma forma de pressionar os europeus* "a fazer um gesto na mesma direção". *Assim, Bush conseguiu o apoio do governo petista para pressionar os países imperialistas da Europa para que estes também reduzam seus subsídios.*

Bush formou uma espécie de parceria com Lula rumo à Alca. O próximo passo dessa política vai se dar na rodada Doha, que será realizada em dezembro. Como Lula mesmo disse a Bush "vamos trabalhar juntos em Doha e ver como vai, depois vamos continuar trabalhando no Acordo de Livre Comércio das Américas".

ALBA NÃO É ALTERNATIVA

***EDUARDO ALMEIDA**, da redação*

Chávez, presidente da Venezuela, neste momento, é um ídolo de todo o continente. Aparece como uma alternativa antiimperialista, se destacando perante governos subservientes como o de Lula. Em Mar del Plata, apareceu como o maior opositor de Bush, e apresenta como alternativa a Alca o seu projeto, a Alba (Alternativa Bolivariana para a América Latina). Mas tal proposta é realmente uma alternativa?

Chávez tem atritos com Bush e incorporou em seu discurso a reivindicação do socialismo. Mas, na verdade, existe uma clara contradição entre o que fala e o que faz.

O plano econômico aplicado na Venezuela é o mesmo neoliberal vigente em todos os países do continente. A dívida externa continua sendo paga religiosamente, com 14,4 bilhões de bolívares previstos no orçamento para 2006 (16% do orçamento nacional). A partir de dezembro deste ano, empresas mistas (51% da estatal PDVSA e 49% das multinacionais) poderão explorar os poços de petróleo venezuelanos. O gás venezuelano está sendo oferecido a empresas 100% privadas (e multinacionais), com pagamento, no máximo, de 35% de impostos. Vale a pena recordar que as mobilizações recentes na Bolívia impuseram um mínimo de 50% de impostos para as multinacionais do gás.

Essa mesma postura se reflete na Alba. Esse projeto propõe a integração continental por dentro do capitalismo, sem nenhuma ruptura com o imperialismo. Para os que buscam soluções intermediárias, atalhos podem parecer uma alternativa. Mas isso não resiste a uma análise profunda.

Apesar da retórica, o projeto de Chávez mantém a proposta de uma zona de livre comércio. Afirma que as diferenças entre os países poderiam ser superadas através da intervenção dos Estados e de "fundos compensatórios". Tais fundos seriam algo semelhante aos programas de compensação social aplicados pelo governo Lula, como o "Fome Zero" e o "Primeiro Emprego". O exemplo venezuelano é a importação de médicos cubanos que trabalham nas periferias de Caracas.

No entanto, a economia de nossos países é controlada já agora pelas empresas multinacionais. Não existe nenhuma "regulação de Estados" que possa evitar que uma Ford instalada no Brasil ocupe o mercado de um país vizinho, em uma área de livre comércio. Ou que uma empresa petroleira norte-americana instalada na Venezuela detone a Petrobrás no Brasil.

Tampouco existe "fundo compensatório" capaz de mudar a brutal desigualdade imposta pelo capitalismo. Isso não é possível no interior de um país, como se vê no exemplo brasileiro, ou na Venezuela, onde a miséria não diminuiu com Chávez. Menos ainda a nível internacional, com as enormes diferenças entre os países, que no capitalismo só fazem aumentar.

Ao não romper com o imperialismo e não se propor a parar de pagar a dívida e a expropriar as multinacionais, a Alba não é nada mais que uma área de livre comércio, dominada pelas empresas estrangeiras já instaladas em nossos países (como o Mercosul), só que com programas sociais compensatórios em escala continental.

Basta ver o exemplo concreto das últimas mobilizações revolucionárias. Na Bolívia, a última insurreição defendia a nacionalização das empresas do gás e, não por acaso, Chávez esteve contra.

A rejeição a Alca não pode significar apostar em uma alternativa equivocada. É preciso discutir com clareza, é necessário romper com o imperialismo, incorporando três medidas, que devem ser exigidas também a Chávez:

- Ruptura com os planos neoliberais em cada um de nossos países
- Não pagamento da dívida externa
- Expropriação das empresas multinacionais.
- Nacionalização das empresas de petróleo e gás sem indenização

A partir da ruptura com o imperialismo, poderemos avançar para construção do socialismo em nosso continente, apontando para uma Federação de países socialistas da América Latina.

CATEGORIA IMPEDE DESMONTE DA GREVE

DECISÃO de reunião esvaziada do Comando Nacional é revertida em assembléias

PAULO BARELLA, da Direção Nacional do **PSTU**

Na reunião do Comando Nacional de Greve da Fasubra (CNG), no 2 de novembro, as correntes governistas conseguiram aprovar o indicativo de fim da greve, aproveitando-se do esvaziamento do CNG, em virtude do feriado.

Desconsiderando o fato de que o governo não avançou um milímetro além dos R$ 250 milhões no Orçamento de 2006 – que significa distribuir poucas migalhas aos servidores – e que a greve ainda segue com muito fôlego em várias unidades, *Tribo*, PCdoB e *Democracia Socialista* vêm em socorro de Lula, para desmontar o movimento dos técnicos administrativos. Além disso, tentaram aplicar um duro golpe na unidade dos setores da educação, isolando as greves do Andes e do Sinasefe (Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica e Profissional).

FOTO EDUARDO HENRIQUE

Docentes, funcionários e estudantes no ato contra Bush, no Rio

Entretanto, a manobra de desmontar a greve não deu certo. A ampla maioria das assembléias dos trabalhadores em educação federal, realizadas na última semana, rejeitaram o indicativo de fim da greve, tornando a vida mais dura para os aliados de Lula no movimento sindical. Os trabalhadores não aceitaram sair de uma greve, após 75 dias, com "uma mão na frente e outra atrás", apenas com a promessa de migalhas para o próximo ano, e seguem com a luta pelo conjunto das reivindicações.

Além da continuidade da greve na educação federal, foram aprovadas nas assembléias uma série de medidas para avançar na luta, como a unificação dos Comandos de Greve e das equipes de negociação de Andes, Fasubra e Sinasefe, a realização de uma grande Marcha a Brasília no dia 22 de novembro, além de atos públicos nos estados, por ocasião das inscrições para o vestibular.

É preciso garantir a unidade de todos os setores em greve, construindo um comando nacional de greve unitário que organize atividades e componha uma única mesa de negociação para forçar o governo Lula no atendimento das reivindicações. Isso deve estar sintonizado com uma forte mobilização dos servidores e contar com o apoio dos estudantes, que têm um Comando Nacional de Greve instalado em Brasília. É preciso botar o bloco na rua, desenvolver atividades públicas, nos estados e em Brasília, radicalizando as ações na greve.

ELEIÇÕES

CONLUTAS VENCE ELEIÇÕES DOS PROFESSORES MUNICIPAIS NO RECIFE

VITÓRIA é um passo importante na construção da Coordenação no estado

GUILHERME FONSECA, do Recife (PE)

Nos dias 3 e 4 de novembro, foram realizadas as eleições para a direção do Sindicato dos Professores Municipais do Recife (SIMPERE), cuja prefeitura é dirigida pelo prefeito João Paulo (PT). O petista vem atacando duramente a categoria, retirando direitos, implementando taxas na saúde, aumentando a contribuição com a Previdência e o arrocho salarial.

A direção do sindicato, composta majoritariamente pela esquerda da CUT (*Articulação de Esquerda*), mas também pelo P-SOL, foram coniventes com esses ataques e contavam com o apoio do PCdoB, que não participava da gestão.

Em contraposição ao governismo da direção da entidade, formou-se, na base da categoria, uma oposição organizada que participou de todas as lutas. A oposição também se reivindica da Conlutas e defende a ruptura com a CUT.

De maneira oportunista, o P-SOL rompeu com a direção do sindicato nas vésperas das eleições, formando uma chapa com uma ala da diretoria que atuou decisivamente para derrotar a última greve da categoria. Dessa maneira, tentaram confundir os trabalhadores assumindo um discurso de "oposição" e de antipartido, acusando de partidarização a Chapa 3, ligada à Conlutas. Mas a manobra não logrou resultados e a categoria demonstrou nas urnas a insatisfação contra a antiga diretoria.

Parte da Chapa 3, da Conlutas

CHAPAS

Concorreram nas eleições três chapas: a Chapa 1, ligada ao PT e PCdoB; a Chapa 2, do P-SOL; e a Chapa 3, ligada ao **PSTU** e independentes.

Cerca de 70% dos 3 mil servidores sindicalizados votaram nas eleições. O resultado foi anunciado na madrugada do dia 5. A Chapa 3 ganhou as eleições com 834 votos (38% do total). A Chapa 2 obteve 748 votos (34%) e a Chapa 1 teve 611 votos (28%).

A vitória da Chapa 3 nas eleições do SIMPERE não foi apenas um duro golpe no sindicalismo governista, mas também foi um passo fundamental no fortalecimento da Conlutas em Pernambuco. Combinando a luta pela construção de uma nova alternativa com o combate às reformas Sindical e Trabalhista do governo Lula, a nova direção do SIMPERE, juntamente com o Sindicato dos Trabalhadores dos Correios (SINTECT) e outros sindicatos ligados à Conlutas, estará preparando em todo o estado a construção do 1º Congresso Nacional da Classe Trabalhadora (Conat), em abril de 2006.

ADESÃO À CONLUTAS CRESCE EM TODO O PAÍS

SINJUS - PR

Realizou-se nos dias 28, 29 e 30 de outubro, em Curitiba, o 7º Congresso dos Servidores do Poder Judiciário do Paraná (Conseju-PR). O principal assunto discutido pelos participantes foi a atuação da Central Única dos Trabalhadores (CUT). Por 36 votos a 25, e uma abstenção, os servidores aprovaram a desfiliação do Sindijus-PR da CUT. Antes da votação, o tema foi discutido em um painel com a participação de José Maria de Almeida, presidente nacional do **PSTU**, e Miguel Baez, membro da direção da CUT-PR.

SINASEMPU

A maioria dos cerca de 70 delegados, de praticamente todos os estados, votou pelo indicativo de filiação à Conlutas na IX Assembléia Geral Ordinária do Sindicato Nacional dos Servidores do Ministério Público da União (SINASEMPU). A assembléia ocorreu nos dias 26 a 29 de outubro em Belém (PA). Agora será realizado um plebiscito nos próximos meses, no qual a base de filiados da entidade irá se posicionar sobre o indicativo.

SINTESEP - PA

Sob a bandeira de *"Unificar os Trabalhadores Para Derrotar a Corrupção, o Projeto Neoliberal de Lula/FMI e Reconstruir os Serviços Públicos"*, o Congresso dos servidores públicos federais do Estado do Pará foi marcado por um caloroso debate sobre a necessidade da desfiliação do SINTSEP-PA da CUT e a construção da Conlutas. A proposta sobre a desfiliação da CUT e a entrada na Conlutas venceu por goleada. Foram 71 votos a favor da desfiliação da CUT e pela adesão à Conlutas. O SINTSEP é o maior e mais importante sindicato dos servidores federais no Estado do Pará. Possui cerca de 7 mil sindicalizados, e representa cerca de 20 mil servidores.

O "NOVEMBRO QUENTE" DA PERIFERIA FRANCESA

WILSON H. DA SILVA, da redação

No dia 27 de outubro, dois adolescentes franceses, descendentes de imigrantes do norte da África, morreram eletrecutados ao se esconderem numa subestação elétrica em Clichy-sous-Bois, na periferia de Paris. As reais circunstâncias das mortes são desconhecidas, mas se sabe que eles estavam fugindo da polícia que os havia parado para exigir documentos de identificação, uma prática que aterroriza cada vez mais aqueles que são marcados pela "ilegalidade" e pelo racismo.

As mortes detonaram uma onda de revoltas como não se via há muito tempo na Europa. Iniciada no distrito de Seine-Saint-Denis, que reúne vários municípios onde a maioria da população é de imigrantes – principalmente mulçumanos e negros originários do Magreb (Marrocos, Argélia, Tunísia, ex-colônias francesas) e de outras partes da África –, a revolta, cuja principal característica é o incêndio de carros e prédios públicos, rapidamente se alastrou por outras partes da França e ameaça estender-se pela Europa.

Tratada pelo governo francês e pela maioria da imprensa mundial como "vandalismo" promovido por gangues de "delinqüentes", a rebelião, contudo, é de total responsabilidade do atual e dos sucessivos governos franceses – sejam eles "socialistas" ou "conservadores" – que, há décadas, confinam os imigrantes e seus descendentes em verdadeiros guetos.

OPRESSÃO E EXPLORAÇÃO

Em uma declaração dada à página da BBC Brasil, o sociólogo Michel Wieviorka, da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris, afirmou que *"a violência que ocorre atualmente na periferia é a expressão de um certo desespero, de cólera, de raiva e de um sentimento de injustiça"*, que faz com que, nesses bairros, a juventude viva *"num estado de guerra, que os opõem a um sistema que eles julgam repressivo"*. É um sentimento mais do que real e que brota da combinação da opressão (racial e machista) e da exploração capitalista. Longe do "glamour" da capital francesa, as periferias e cidades da Grande Paris são palco de lamentáveis espetáculos. Nelas, o índice de desemprego é de 21% – o dobro da média nacional – chegando a 40% entre os mais jovens.

Segundo um relatório do próprio governo, nesses bairros, *"o fato de ser jovem, mulher ou imigrante aumenta o risco de ficar desempregado"*. No caso das mulheres imigrantes, por exemplo, a taxa de desemprego sobe para 38%. Conseqüência direta dessa situação, as condições de vida fazem com que essas regiões se assemelhem a bolsões terceiro-mundistas encravados no Primeiro Mundo: os prédios lembram cortiços de concreto, um enorme déficit de serviços básicos, como escolas, hospitais e serviços de assistência social.

São dados oficiais que evidenciam que o racismo é um componente fundamental nessa história. De acordo com o Instituto Nacional de Estatística e de Estudos Econômicos, a taxa de desemprego de "franceses" que cursaram a universidade é de apenas 5%, mas, no caso de diplomados originários do Magreb, o índice salta para 26,5%.

Essa situação já explosiva só tem se agravado, ano após ano, com os ataques ao conjunto dos trabalhadores (com as reformas neoliberais que aumentaram o desemprego, a precarização e a privatização de serviços e os ataques generalizados às condições de vida) e, particularmente, às comunidades imigrantes, perseguidas em toda Europa por leis de imigração cada vez mais racistas e discriminatórias, como ficou evidente nos recentes incêndios criminosos que atingiram a moradia de imigrantes em Paris.

A "GENTALHA" DIZ NÃO

Logo após as primeiras e justas manifestações contra as mortes, o ministro do Interior, Nicolas Sarkozy, literalmente, jogou gasolina no fogo ao se referir aos jovens rebelados utilizando termos como "ralé", "gentalha", "gangrena" e "escória".

A declaração só acirrou o ódio e a revolta da juventude, já que é exatamente por serem tratados como "lixo humano" que os jovens imigrantes e seus descendentes não se vêem como parte de uma sociedade que se apresenta sob o ilusório lema de "igualdade, liberdade e fraternidade".

Isso, também, explica o fato de eles estarem se voltando contra tudo que representa a terrível situação de opressão e exploração em que vivem: os carros e depósitos que simbolizam o poder de consumo que eles não têm; os edifícios públicos que representam o poder que os massacra; os ginásios e clubes decadentes que lhes recordam a falta de opções de lazer; os "fardados" que os espancam e perseguem cotidianamente e, até mesmo, as escolas, às quais poucos deles tiveram acesso, ou que, no mínimo, não lhes garantem o mínimo de inserção social.

Os carros tornaram-se os alvos preferenciais na rebelião. E o ritmo dos ataques não pára de crescer. Nos últimos dias, as manifestações extrapolaram as fronteiras da periferia de Paris e já atingiram praticamente todas regiões da França. Há registros de ações em importantes cidades como Toulouse, Lyon, Nice, Marselha, Rennes, Nantes, Lille e Rouen, como também na própria capital francesa, onde, na madrugada de domingo, pelo menos três carros foram incendiados.

OS CONFLITOS DEVEM AUMENTAR

A tendência é de aumento dos confrontos nos próximos dias, principalmente porque o governo, em vez de sinalizar para medidas sociais, está disposto a investir na repressão.

Metidos em uma disputa interna em função das eleições presidenciais de 2007 e pressionados pelo fato de terem transformado o tema da segurança no principal eixo da campanha que os levou ao poder em 2002, diferentes setores do governo Jacques Chirac (que, diga-se de passagem, manteve um absoluto silêncio durante dez dias de manifestações) têm acordo apenas em uma coisa: *"A prioridade absoluta é restabelecer a segurança e a ordem pública"*.

O primeiro-ministro Dominique Villepin (que pretende disputar as eleições contra Sarkozy) tem sido o principal porta-voz de uma nova máxima, que deverá orientar a atuação do governo francês nos próximos dias: *"a segurança é a primeira das liberdades"*.

A possibilidade de aumento dos conflitos, até, pode transpor as fronteiras francesas e atingir outros países europeus, como já está ocorrendo na Bélgica e na Alemanha. Em declaração ao jornal *Il Sole-24 Ore*, o ex-presidente da Comissão Européia, Romano Prodi, afirmou que uma explosão de violência urbana na Itália pode acontecer a qualquer momento, já que os subúrbios do país não só tem uma porcentagem ainda maior de imigrantes ilegais do que a França, como também *"estão entre os piores de Europa"*.

Declarações semelhantes também pipocaram na imprensa portuguesa, alemã e espanhola, onde o jornal catalão *La Vanguardia* alertou: *"Que ninguém tenha dúvida, as tempestades do outono francês podem ser o prelúdio de um inverno europeu"*.

UNIFICAR A LUTA CONTRA OS VERDADEIROS DELINQÜENTES

Diante da insistência com que a imprensa tem denunciado a "violência" dos atos, há setores, inclusive da esquerda, que estão condicionando seu apoio à luta dos jovens franceses ou até condenando a ação das "gangues".

Neste sentido, a primeira coisa a se dizer é que, mesmo a existência de possíveis (e prováveis) jovens envolvidos com a marginalidade na atual insurreição, é de completa responsabilidade da elite governante e da patronal. São eles os verdadeiros "bandidos". São eles que, há décadas, roubam a esperança dos imigrantes e saqueiam suas condições de vida. Como lembrou a moradora de Grigny, são eles em última instância que estão ateando fogo às escolas.

Para que a luta dos jovens possa apontar uma real vitória, é fundamental lembrar que isso só poderá ocorrer se eles buscarem a unidade com outros setores oprimidos e explorados do país. Os imigrantes são parte da mesma classe trabalhadora da França, por isso é necessário apontar para a unidade da classe trabalhadora da França. Como diz o lema dos trabalhadores estrangeiros da Espanha: *"Nativa ou estrangeira, a mesma classe trabalhadora"*. Fora Sarkozy e Chirac. Fim da marginalização nos guetos. Pelo fim das privatizações e os planos e regulamentos neoliberais da União Européia. Por um plano de obras públicas para dar emprego aos jovens trabalhadores.

É preciso construir um movimento que se volte contra o Estado capitalista-imperialista francês e europeu e todas suas mazelas: seja a opressão e a repressão praticada contra os imigrantes, seja a exploração capitalista que vitima o conjunto da classe trabalhadora.

PARTIDO REFORMISTA E PARTIDO REVOLUCIONÁRIO: ONTEM E HOJE

HÁ MAIS DE UM SÉCULO a estrutura dos partidos operários é motivo de polêmicas: partido social-democrata, eleitoral, legal, composto de filiados ou partido leninista, disciplinado, com militantes ativos, baseado no centralismo democrático?

NAZARENO GODEIRO, de Contagem (MG)

"Para nós, a luta extraparlamentar do proletariado é a decisiva. Só esse princípio nos distingue realmente de todas as variedades da democracia burguesa". (Lenin, *Obras Completas*, tomo 15. p. 380)

Nos últimos cinco anos, a América Latina viveu várias revoluções e insurreições em que o poder do Estado esteve ao alcance da classe trabalhadora (Equador, Venezuela, Bolívia, Argentina). No fim, as massas entregaram o poder de volta para a burguesia.

Na Bolívia, as massas derrubaram dois governos, ocuparam o centro de La Paz, com mineiros armados com dinamite, controlaram o acesso ao palácio presidencial e dividiram as forças armadas. Apesar de controlar o país, a COB permitiu que o vice-presidente, Carlos Mesa, cruzasse o piquete armado, para assumir a presidência do país no Parlamento.

Na Venezuela, o imperialismo, em conluio com a burguesia e de olho no petróleo, deu um golpe militar que depôs Chávez. Em dois dias, as massas venezuelanas, armadas, controlaram as principais vias do país e derrotaram o golpe. O imperialismo e a burguesia perderam o controle e viram-se obrigados a trazer Chávez de volta para acalmar a situação.

Em ambos casos, a burguesia usou as organizações de esquerda para recompor o "Estado de Direito". A inexistência de uma direção revolucionária à frente dessas revoluções levou à retomada do poder pela burguesia.

Tais experiências nos ensinam que, no meio da insurreição, não se pode improvisar uma direção revolucionária. Grandes enfrentamentos revolucionários se aproximam. Cada trabalhador deve ocupar seu posto de luta na organização de um partido revolucionário.

A ESQUERDA MUNDIAL RENDE-SE À 'DEMOCRACIA' BURGUESA

A intervenção na luta de classes direta caracterizava, até pouco tempo atrás, os partidos de esquerda do mundo. Muitos, agora, dizem querer reformar "por dentro" o sistema e não quebrá-lo. Assim, atuam centralmente nas eleições parlamentares. A tradução organizativa dessa política é a formação de novos partidos e movimentos, cujo centro é tentar reformar o sistema aperfeiçoando o regime democrático-burguês.

Quando as massas na América Latina e de outras parte do mundo se insurgem contra o capitalismo e a democracia burguesa, o grosso da esquerda acomoda-se aos interesses desta falsa democracia e negam-se a acompanhar os trabalhadores na ruptura com o sistema imperialista.

O exemplo do referendo sobre o desarmamento no Brasil é muito atual: as massas deram um Não ao desarmamento refletindo uma insatisfação com o governo Lula e com o regime; a esquerda, exceto o **PSTU**, chamou a votar pelo Sim. Enquanto a massa desconfia do monopólio das armas das forças armadas, o conjunto da esquerda entrega esse monopólio aos militares, pois acreditam na eternidade do regime "democrático" da burguesia.

EXPERIÊNCIA HISTÓRICA DEMONSTRA QUE PARTIDO REFORMISTA SERVE À BURGUESIA

Em fins do século XIX se formaram os grandes partidos socialistas, sua maior conquista foi construir a independência política dos trabalhadores diante dos partidos burgueses.

Esses partidos se formaram numa época de desenvolvimento capitalista acelerado. Foi o período da Revolução Industrial e do crescimento do mercado mundial. Período progressivo do capitalismo, quando predominava a luta pelas reformas do sistema (organização política e sindical, direito de voto, redução da jornada etc.). Essas conquistas criaram a "ilusão" de que se podia, até, chegar ao socialismo pelo voto.

A ilusão acentuou-se pelo crescimento espetacular desses partidos. O Partido Social Democrata alemão possuía um milhão de membros, teve 34,7% dos votos em 1912, elegendo 110 deputados, possuía 90 jornais diários com 1,400 milhão de leitores e dirigia a maioria dos sindicatos.

FIM DAS ILUSÕES PACÍFICAS

Esse partido se organizou para reformar o capitalismo e participar de eleições, não para fazer a revolução contra a burguesia. Seus membros reuniam-se para escutar oradores, mas não eram militantes ativos, orgânicos. Possuíam grupos e tendências permanentes, cada um com seu "feudo". Quem determinava tudo no partido eram seus líderes, sem qualquer controle da base. Considerava-se membro do partido qualquer um que aceitasse seus princípios e apoiasse o partido de acordo com suas possibilidades, sem maiores obrigações. Bastava assinar uma filiação partidária.

Essa poderosa organização se espatifou com o primeiro tiro da guerra de 1914. A ilusão "pacífica" caiu por terra: a guerra produziu 20 milhões de mortos. Os partidos socialistas irmãos dividiram-se, cada um se aliou com "sua" burguesia. A estrutura de partido social-democrata, frouxa, de filiados, mostrou-se insuficiente para entrar numa época de guerras e revoluções.

Essa grande traição vai redesenhar todo o mapa das organizações revolucionárias no mundo e faz surgir uma nova direção revolucionária na Rússia.

UM NOVO TIPO DE PARTIDO REVOLUCIONÁRIO

A época pacífica de desenvolvimento capitalista ficou para trás, o crescimento das empresas gerou o mercado mundial e uma nova fase do capitalismo, o imperialismo, marcada por enfrentamentos e guerras mundiais para repartir o globo entre os países imperialistas.

Enquanto isso, na Rússia czarista reinava uma terrível ditadura. Era proibida a organização política dos operários, os sindicatos podiam existir sob severas condições. Os partidos revolucionários organizavam-se na clandestinidade.

Nesta situação, ao contrário da Alemanha, se organizou um novo tipo de partido, revolucionário, com uma estrutura para dirigir uma revolução.

Um partido de militantes ativos, que participavam das lutas diárias do povo e da vida política interna do partido, divulgavam a imprensa e contribuíam financeiramente para a sobrevivência do partido. Sua espinha dorsal era composta por militantes profissionais, cuja vida era dedicada à luta revolucionária. Essa seleção rígida dos seus membros obedecia à necessidade de construir uma disciplina combatente para dirigir a luta pelo poder. Por isso, não se aceitava qualquer um para entrar no partido.

CENTRALISMO DEMOCRÁTICO

O funcionamento interno baseava-se no centralismo democrático. Discutia-se amplamente no interior do partido todas as posições, nos seus organismos (núcleos de base, direções regionais e nacional), aí cada um expressava sua individualidade, defendendo sua posição. Mas, depois que votava por maioria, todos eram obrigados a defender a posição majoritária, inclusive a minoria que se subordinava à maioria.

Este tipo de funcionamento se mostrou, historicamente, como o único que permitiu construir um partido disciplinado ao mesmo tempo em que era superdemocrático. Era a única estrutura que permitia que a base controlasse seus dirigentes, já que tinha um funcionamento regular de toda a vida interna partidária, em que os seus membros, do mais novo ao mais antigo, tinham os mesmos deveres e direitos.

O Partido Bolchevique (leninista), definiu uma linha de transformar a guerra imperialista em guerra civil, as armas dos soldados deveriam voltar-se contra sua própria burguesia e não matar seus companheiros de outros países. Essa orientação revolucionária mudou a face do mundo. De alguns milhares de militantes, o partido bolchevique chegou a ter centenas de milhares, o que permitiu conduzir os trabalhadores ao poder, na Rússia em outubro de 1917.

À diferença do partido social-democrata alemão, em que estavam juntos, no partido, revolucionários e reformistas, na Rússia, o bolchevismo construiu-se numa luta feroz contra todos os reformistas e oportunistas. Não aceitou formar um mesmo partido com os reformistas e rompeu com eles, formando dois partidos (menchevique, minoria, e bolchevique, maioria). A existência desse partido revolucionário deu uma dinâmica oposta à que ocorreu na Alemanha. Aí, os reformistas predominaram e derrotaram a revolução. Na Rússia, os operários conseguiram arrancar o poder da burguesia, destruí-lo e formaram um novo governo revolucionário, apoiado nos Soviets (conselhos de operários, soldados e camponeses), que passaram a governar o país.

CARTIER BRESSON

ASCENSÃO E QUEDA DO PT CONFIRMA REGRA HISTÓRICA

A chegada de Lula na presidência realizou um "sonho" de milhões de trabalhadores: mudar o Brasil sem uma revolução. Fazer tudo tranqüila e pacificamente, com o apoio dos ricos. Tudo pelo voto, do *Lula-lá*. Esse sonho (ilusão, na verdade) foi acalentado pela direção do PT nos últimos 25 anos. Entretanto, a crise do mensalão acabou com essas ilusões e levou ao fim do PT como partido operário.

O PT nunca foi um partido revolucionário, marxista, mas cumpriu um papel progressivo ao garantir a independência política da classe trabalhadora brasileira. Nucleou milhares de ativistas da esquerda, cujo centro da ação era a luta direta. Lula converteu-se em grande figura do PT dirigindo as greves dos metalúrgicos do ABC. O PT surgiu defendendo um governo dos trabalhadores e, quando participava das eleições, atuava com um critério classista: "Trabalhador vota em trabalhador" ou "Vote no 3 que o resto é burguês".

Em poucos anos, a direção burocrática do PT destroçou todo classismo e democracia que havia nesse partido. Com a eleição de muitos parlamentares, prefeitos, governadores, o PT abandonou as trincheiras da luta de classes para refugiar-se nos gabinetes do Parlamento.

A participação nas eleições converteu-se em estratégia permanente. Surgiram as coligações com partidos burgueses e passou a receber dinheiro dos empresários. Abandonou a luta pelo socialismo e descobriram que a "democracia" burguesa já não era um tipo de Estado que servia à burguesia e sim que tinha um "valor universal".

Lula se mostrou como o melhor aluno do imperialismo e dos patrões. Este grande giro neoliberal se produziu sem que a base do PT opinasse. Também, o dinheiro que corrompeu a base parlamentar governista foi todo manejado por um punhado de dirigentes do PT, incluído Lula, sem que sua base soubesse o que estava se passando.

Isso demonstra mais uma vez que o tipo de partido de filiados, reformista, é antidemocrático e serve para legitimar a dominação burguesa e sua falsa "democracia". A aparente democracia, com tendências permanentes, encobre o controle ditatorial desse partido pela cúpula burocrática. Diz-se que todos os filiados têm os mesmos direitos, mas ao não dar uma organicidade à base, sempre quem decide são os caciques e parlamentares.

P-SOL CAI NO MESMO ERRO ESTRATÉGICO DO PT

A expulsão dos parlamentares petistas poderia ter gerado um amplo processo de reorganização política nacional, construindo um partido marxista revolucionário com milhares dos melhores ativistas da classe trabalhadora brasileira.

Infelizmente tais parlamentares, ao romper as relações com o **PSTU**, optaram por construir um partido eleitoral em que cada corrente de opinião leva sua linha para o movimento. Criticaram severamente a estrutura leninista de partido.

Muitos companheiros revolucionários, que fazem parte do P-SOL, crêem que é melhor construir um partido amplo, "plural", com várias correntes internas, cada uma com poder de mando, que reúna revolucionários, reformistas e centristas (promovendo a "unidade das forças revolucionárias existentes"). Crêem assim que farão um partido forte, trabalhando com paciência as diferenças políticas até que haja um convencimento de todos para a saída revolucionária.

Essa é mais uma ilusão que vai se desmoronar nos primeiros choques da luta de classes, fato que já está ocorrendo. Não houve, até agora, nenhum problema importante da luta de classes que o P-SOL respondesse de forma unificada. No movimento sindical, uma parte dos militantes defende romper com a CUT e construir a Conlutas. Outra defende manter-se na CUT e, recentemente, uma parte considerável da Executiva Nacional da CUT filiou-se ao P-SOL. Na eleição da presidência da Câmara, uma parte dos parlamentares votou nulo e outra votou no governista Aldo Rebelo. No referendo sobre o desarmamento, o partido definiu "não fechar posição", pois havia gente de bem de um lado e do outro. Isso não impediu que a maioria dos parlamentares do P-SOL apoiasse o Sim.

QUANDO os revolucionários se juntam com reformistas em um mesmo partido, o programa que prevalece é o reformista

Esses exemplos demonstram que, quando os revolucionários se juntam com reformistas em um mesmo partido, o programa que prevalece é o reformista. Os reformistas jamais aceitaram o programa revolucionário enquanto, invariavelmente, o revolucionário rebaixa seu programa para garantir a "unidade" com os reformistas.

No afã de tornar-se rapidamente um grande partido eleitoral, o P-SOL reproduz os mesmos desvios do PT: estratégia eleitoralista e programa subordinado à democracia burguesa. Reproduz, também, a estrutura do partido reformista: frente de tendências contrapostas, apoiada em filiados, cujo objetivo é eleger parlamentares.

Os revolucionários que estão no P-SOL está desperdiçam uma oportunidade histórica de construir, junto com o **PSTU**, um forte partido revolucionário leninista, implantado na classe operária, formado por militantes ativos. Essa união em um partido leninista atrairia vários milhares de ativistas, o que multiplicaria a força de tal organização, produto da unidade entre verdadeiros revolucionários.

CMI

O BRASIL TAMBÉM DISSE FORA BUSH!

A América Latina fervilhou nos últimos dias, unindo a classe trabalhadora e a juventude de diferentes países no grito pelo "Fora Bush!". Os protestos foram uma resposta à audácia do presidente norte-americano de visitar a América Latina. Como bons capachos do imperialismo, Lula e Kirchner estenderam tapete vermelho para Bush. A classe trabalhadora, os movimentos sociais e a juventude, por sua vez, fizeram questão de dizer que o presidente norte-americano não era bem vindo, em grandes protestos. O PSTU teve uma forte presença nos atos, com suas bandeiras e faixas e defendendo o "Fora Todos! Fora Bush!" Veja abaixo como foram os principais atos

YARA FERNANDES*, da redação

SÁBADO, 5/11
SÃO PAULO (SP)

A passeata de duas mil pessoas seguiu por dez quadras da Av. Paulista, até a esquina em que se localizam a sede do Banco Central e o BankBoston. Participaram do protesto a Campanha Contra a Alca, a Conlutas, a Conlute, sindicatos, o MST, setores da CUT, a juventude árabe, punks e militantes do ***PSTU***, *P-SOL, PCdoB, sem-tetos da Grande São Paulo e de São José dos Campos, entre outros. O* ***PSTU*** *defendeu o Fora Todos! e afirmou que, para combater Bush, é preciso derrotar os governos que estão a seu lado, como o de Lula. Dirceu Travesso, da Conlutas, lembrou que o BankBoston foi dirigido por Henrique Meirelles, antes dele vir para o Banco Central. Foram queimados dois bonecos de Bush. Ao final, a polícia usou bombas de gás, cassetetes e balas de borracha contra os manifestantes.*

WLADIMIR SOUZA/CROMAFOTO

Zé Maria fala no encerramento do ato em São Paulo

SÁBADO, 5/11
RECIFE (PE)

Cerca de 300 manifestantes protestaram jogando tinta vermelha na frente do consulado norte-americano. Organizaram o ato o sindicato dos bancários, MST, ***PSTU***, *PGT e PCR, entre outras organizações e entidades.*
O protesto durou pouco, em torno de 25 minutos, pois a polícia reprimiu a manifestação, voltando-se principalmente contra os militantes do MST.

SÁBADO, 5/11
BELÉM (PA)

A passeata organizada pela Conlutas contou com a presença de dezenas de trabalhadores e estudantes, interrompendo parcialmente o tráfego. A manifestação parou em frente a uma loja do McDonald's, onde uma chuva de ovos foi lançada contra a lanchonete. A polícia assistiu sem interferir. Um enorme estandarte da Conlutas abriu o ato.

SEXTA, 4/11
BELO HORIZONTE (MG)

CECÍLIA GUIMARÃES

Cerca de 150 pessoas e 33 entidades se dirigiram para o McDonald's, onde foram queimados um boneco de Bush e uma bandeira norte-americana; foram acesas velas simbolizando os mortos na guerra e colados diversos cartazes na entrada da lanchonete.

EDUARDO HENRIQUE

SÁBADO, 5/11
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (SP)

Cerca de 100 pessoas participaram do protesto em frente ao McDonald's, na Avenida Nove de Julho, área de prédios luxuosos de São José dos Campos. Com faixas, cartazes, máscaras e dois bonecos representando o presidente norte-americano, o ato contou com a presença de sindicatos, movimentos sociais e estudantes. Uma bandeira dos Estados Unidos foi queimada.

SEXTA, 4/11
PORTO ALEGRE (RS)

A manifestação, que contou com mais de 200 pessoas. Começou com uma concentração na Esquina Democrática, de onde partiu em passeata até a sede do CityBank. Chegando lá, por volta das 13h, os manifestantes pintaram a rua de verde e amarelo e queimaram uma bandeira norte-americana.

SEXTA, 4/11
RIO DE JANEIRO (RJ)

Cerca de 500 manifestantes se concentraram na Cinelândia, onde ocorreu uma peça teatral denunciando o imperialismo. De lá, os manifestantes seguiram em passeata até o consulado dos Estados Unidos. Ao tentar jogar tinta vermelha no prédio, os manifestantes foram reprimidos pela polícia. A passeata contou com a presença do PSTU, P-SOL e PCO, além de sindicatos, entidades estudantis, movimentos como o MST, a Conlutas e a Conlute e os grevistas da Educação.

AGÊNCIA BRASIL

SEXTA A DOMINGO
BRASÍLIA (DF)

A Esplanada dos Ministérios foi palco de dois atos no dia 4: um organizado pela Conlutas, que atacou Bush e denunciou a subserviência do governo Lula, e outro organizado pela CUT, UNE e MST, preservando Lula. A concentração do ato da Conlutas estava marcada no mesmo local e horário do ato governista. Uma parte das pessoas que foram convocadas pela UNE decidiu participar do ato da Conlutas, que contou com mais de 300 manifestantes e que tinha como destino a embaixada dos EUA. Na embaixada, a Conlutas encerrou o seu ato queimando bandeiras dos EUA e de Israel.
No dia 6, houve novos protestos, em uma loja do McDonald's e em frente à Granja do Torto, onde Lula recebia Bush. Houve repressão e o deputado Babá (P-SOL) foi agredido por policiais.

**Colaboraram: Elton Corrêa, Júlia Eberhardt, Carlos Henrique 'KK', Dênior*

Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann

Quem somos?

José Luís e Rosa Sundermann foram dois lutadores pelo socialismo brutalmente assassinados pelas mãos do latifúndio, na cidade de São Carlos, em junho de 1994. José Luís era dirigente sindical, diretor do Sindicato dos Funcionários da Universidade Federal de São Carlos e membro da direção da FASUBRA. Rosa era uma lutadora dos movimentos sociais, integrante da direção do PSTU e militante incansável nas lutas da classe trabalhadora.

O assassinato do casal foi motivado pela sua destacada participação na greve dos cortadores de cana da região de São Carlos (SP). Seus assassinos e mandantes ainda hoje permanecem em liberdade.

Criamos a Editora para ser uma oficina que divulgue as idéias e mantenha viva a causa a que eles dedicaram suas vidas, a do socialismo. Por meio de seus nomes, queremos homenagear a todos que tombaram na luta por um novo mundo. Suas idéias permanecem vivas em cada um dos livros que temos o orgulho de oferecer aos nossos leitores.

Projeto editorial

O projeto editorial da Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann está baseado em três eixos: os clássicos do marxismo; a série "cadernos de formação teórica e política"; e a série "polêmicas", dedicada às produções teóricas de autores marxistas contemporâneos. O sucesso desta proposta pode ser comprovado pelo total de 14 títulos publicados desde sua criação, em 2003, e pela programação de lançamentos para 2006.

Consulte nosso catálogo e faça sua encomenda

LANÇAMENTOS

CONVERSANDO COM MORENO

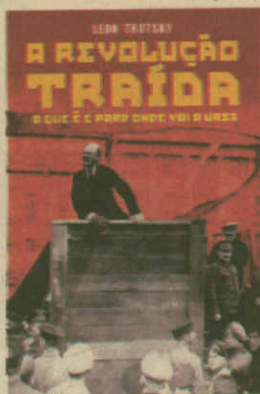
Entrevista realizada por Daniel Acosta, Marco Trogo e Raul Tuny – Apresentação de Bernardo Cerdeira

Esta longa entrevista discute temas fundamentais do programa trotskista: internacionalismo proletário, a necessidade do partido mundial, a Democracia Operária e se a militância num partido revolucionário é uma atividade alienante. Na apresentação, Bernardo Cerdeira revela a ativa participação de Moreno nos principais acontecimentos da luta de classes em nosso país nos anos 80.

ISBN: 85-99156-03-9
152 pág. / R$ 20

A REVOLUÇÃO TRAÍDA: O QUE É E PARA ONDE VAI A URSS

LEON TROTSKY – Introdução de Martín Hernández
(Com um caderno de fotos e marcador de páginas)

O ponto mais alto da produção teórica de Trotsky foi alcançado neste trabalho. Referência obrigatória para compreender a burocratização da ex-URSS. A introdução discute a mecânica da restauração do capitalismo na ex-URSS a partir dos prognósticos de Trotsky. Acompanha um caderno de fotos com as adulterações para apagar da história oficial vários dirigentes da revolução.

ISBN: 85-99156-04-7
278 pág. / R$ 35

IMPÉRIO DO TERROR: ESTADOS UNIDOS, CICLOS ECONÔMICOS E GUERRAS NO INÍCIO DO SÉCULO XXI

JOSÉ MARTINS

Analisa o papel da produção e dos gastos com armas e sua interferência na crise da economia capitalista e nos ciclos econômicos. Aborda como as categorias econômicas e as forças políticas se estruturam dentro da "arquitetura da destruição", relacionando a economia imperialista com a guerra. Estabelece como esta relação ocorre no dia a dia da realidade capitalista.

ISBN: 85-99156-01-2
190 pág. / R$ 27

HISTÓRIA DAS INTERNACIONAIS

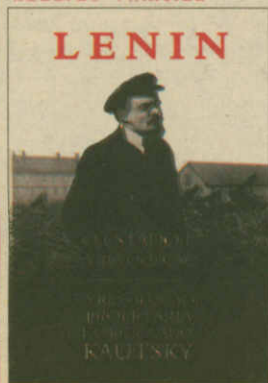
ALICIA SAGRA

Expõe didaticamente a trajetória do movimento operário através das distintas organizações internacionais que o movimento construiu. Mais do que uma narrativa histórica, o trabalho de Alicia explica a razão de ser de cada uma destas organizações, o momento histórico que as originaram e os grandes debates teóricos e políticos que acompanharam esse processo.

ISBN: 85-98892-02-5
198 pág. / R$ 24

O ESTADO E A REVOLUÇÃO. A REVOLUÇÃO PROLETÁRIA E O RENEGADO KAUTSKY

V. I. LÊNIN – Introdução de Eduardo Almeida

As duas obras discutem o conceito de Estado em Marx e Engels e que tipo de Estado deveria ser construído pelos trabalhadores. Em "O Renegado Kautsky", Lênin polemiza com o dirigente do Partido Social-Democrata Alemão sobre a construção do Estado socialista. A introdução resgata a atualidade da concepção de Lênin na perspectiva da revolução.

ISBN: 85-99156-02-0
240 pág. / R$ 25

AS CLASSES SOCIAIS NO CAPITALISMO

Caderno de Formação ILAESE 1

O primeiro caderno do Instituto Latino-Americano de Estudos Sócio-Econômicos introduz o leitor na análise marxista da sociedade capitalista. Como esta funciona? Como se dá a exploração do trabalhador pelo capitalista? Como se definem as classes sociais? Sobre que base se desenvolvem a luta de classes e a revolução socialista?

71 pág. / R$ 7

O ESTADO BURGUÊS E A REVOLUÇÃO SOCIALISTA

Caderno de Formação ILAESE 2

O que é o Estado? Como caracterizar o Estado atual? O que é a democracia na sociedade burguesa? Qual deve ser a estratégia dos trabalhadores conscientes em relação ao Estado? Neste caderno, reunimos textos de Lênin, Trotsky, Nahuel Moreno e outros autores, com o objetivo de introduzir o leitor no estudo da concepção marxista de Estado.

94 pág. / R$ 7

PROMOÇÃO!!!

O ENVIO É GRÁTIS!

OU COMPRE DIRETAMENTE COM NOSSOS VENDEDORES E GANHE DESCONTO EM TODOS OS TÍTULOS

TÍTULOS PUBLICADOS

CIDADANIA OU CLASSE? O MOVIMENTO OPERÁRIO NA DÉCADA DE 80

JOSÉ WELMOWICKI –Apresentação de José Maria de Almeida

ISBN: 85-903897-5-B
136 pág. / R$ 24

Centrado no caráter do movimento operário surgido no Brasil na década de 80, o estudo de Welmowicki nos oferece as ferramentas para compreender os rumos do movimento operário brasileiro nos dias atuais. Polemizando com os que definem que a onda grevista surgida nos anos 80 objetivava a conquista da cidadania, Welmowicki demonstra como este conceito foi utilizado para justificar uma política de colaboração de classes, que posteriormente se converteu em hegemônica no interior da CUT, conduzindo esta Central à colaboração com o próprio Estado.

OS GOVERNOS DE FRENTE POPULAR NA HISTÓRIA

NAHUEL MORENO – Apresentação de Mariúcha Fontana e Introdução de Martin Hernández

ISBN: 85-7587-019-X
286 pág. / R$ 27

Coletânea de textos escritos originalmente a partir de uma polêmica sobre que política deviam ter os revolucionários diante do governo de Frente Popular de Miterrand na França (1980). Moreno sistematizou as posições de Marx, Lênin e Trotsky sobre o tema, que ajudam na compreensão da natureza dos vários governos surgidos na América Latina nos últimos anos.

AS REVOLUÇÕES DO SÉCULO XX

NAHUEL MORENO – Apresentação de Ruy Braga e Apêndice de Valério Arcary

ISBN: 85-903897-2-3
111 pág. / R$ 15

Amplo e sintético quadro, que vai desde a Revolução de outubro de 1917 e mais além das revoluções chinesa e cubana. Discute o conceito de Estado, regime e governo; reforma e revolução; as épocas e etapas da luta de classes; e o conceito de situação revolucionária. Esta edição incorpora um apêndice de Valério Arcary sobre os critérios de classificação das revoluções ocorridas no século XX.

MULHERES: O GÊNERO NOS UNE, E A CLASSE NOS DIVIDE

CECÍLIA TOLEDO – Apresentação de Claudia Mazzei Nogueira

ISBN: 85-7587-020-3
148 pág. / R$ 24

Este estudo, em sua segunda edição, analisa a origem da opressão da mulher, combate teorias que se baseiam na "inferioridade" e questiona a concepção de que a opressão se refere ao problema do gênero. Oferece um enfoque classista da luta contra a opressão, demonstrando que nenhum fenômeno dentro do capitalismo poder ser analisado dissociado de sua base material.

DO SOCIALISMO UTÓPICO AO SOCIALISMO CIENTÍFICO

FRIEDRICH ENGELS

ISBN: 85-903897-4-X
84 pág. / R$ 10

Este texto é parte de uma obra mais ampla, conhecida como "A revolução da ciência por E. Düring" ou o "Anti-Düring", considerada como a melhor introdução ao "O Capital". Sintetiza, de forma magistral e simples, o fato de que a necessidade da abolição da propriedade privada e a luta por uma sociedade sem classes surgem das contradições fundamentais do próprio sistema capitalista e da ação consciente do proletariado.

PROGRAMA DE TRANSIÇÃO

LEON TROTSKY

ISBN: 85-903897-3-1
96 pág. / R$ 10

Escrita para o Congresso de Fundação da IV Internacional, em 1938, esta obra constitui um dos pilares fundamentais do marxismo. Mais do que um sistema de palavras de ordem, parte da premissa de que as condições para o socialismo em nível mundial estão mais do que maduras, e que é necessário constituir uma ponte entre estas condições e a consciência do proletariado.

MANIFESTO COMUNISTA

(Reimpressão para 2006)

MARX & ENGELS – Apêndice de Leon Trotsky: "Os 90 anos do Manifesto Comunista"

Um clássico do marxismo, o "Manifesto Comunista" dispensa apresentações. Nesta edição, incluímos os prefácios de Marx e Engels às distintas edições do Manifesto e o trabalho introdutório realizado por Trotsky para a edição sul-africana do Manifesto.

OUTROS TÍTULOS DISPONÍVEIS

PENSAMENTO SOCIAL BRASILEIRO: MARXISMO ACADÊMICO ENTRE 1960 E 1980

LUIZ FERNANDO DA SILVA

ISBN:85-903897-1-5
212 pág. / R$ 20

Análise crítica da trajetória de marxistas acadêmicos que compunham o Grupo de Estudos d'O Capital, de Karl Marx (Fernando Henrique Cardoso, Octavio Ianni, Francisco Weffort, José Arthur Giannotti e outros). Este grupo se apropriou dos conceitos marxistas para realizar uma nova interpretação da realidade brasileira e exerceu grande influência reformista sobre inúmeros marxistas e revolucionários, militantes e organizações de esquerda.

AONDE VAI A FRANÇA?

LEON TROTSKY
Editora Desafio
224 pág. / R$ 20

REVOLUÇÃO DESFIGURADA

LEON TROTSKY
LECH – Livraria Editora Ciências Humanas
168 pág. / R$ 15

A REVOLUÇÃO RUSSA. CONFERÊNCIA. A NATUREZA DE CLASSE DA URSS

LEON TROTSKY
Editora Pluma
90 pág. / R$ 7

TESES PARA A ATUALIZAÇÃO DO PROGRAMA DE TRANSIÇÃO

NAHUEL MORENO
CS Editora
160 pág. / R$ 10

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

O ENCONTRO DA REVOLUÇÃO COM A HISTÓRIA: DEZ ENSAIOS SOBRE A REVOLUÇÃO COMO PROJETO NA TRADIÇÃO MARXISTA

VALÉRIO ARCARY – Apresentação de Edmundo Fernandes

O autor retoma o debate sobre o perigo de interpretações economicistas do marxismo, estabelece um paralelo entre a experiência da esquerda anti-capitalista no PT e a resistência da esquerda spartakista no partido socialista alemão de cem anos atrás e defende o socialismo para o século XXI.

TEORIA E ORGANIZAÇÃO DO PARTIDO

Textos de LÊNIN, TROTSKY e MORENO – Organização e Introdução de William Fellipe

Em ordem cronológica, o livro expõe um dos debates mais importantes no interior do marxismo: a teoria e prática da construção do partido. Organizado a partir da polêmica entre mencheviques e bolcheviques, coloca à disposição dos leitores brasileiros, em tradução inédita, os estatutos e o programa discutidos no II Congresso do Partido Operário Social Democrata Russo em 1903.

A POLÍTICA BRASILEIRA: O EMBATE DE PROJETOS HEGEMÔNICOS

EDMUNDO FERNANDES DIAS

O autor resgata o clássico debate entre liberalismo e marxismo. Na análise do governo Lula é possível identificar como o discurso da cidadania transforma-se para que o reformismo incorpore suas organizações do proletariado à ordem burguesa e apague as determinações classistas dos indivíduos.

A HISTÓRIA OCULTA DO SIONISMO

RALPH SCHOENMAN –Apresentação de José Welmowicki

"Terra sem povo para um povo sem terra"; "Israel, única democracia do Oriente Médio."; "A segurança de Israel é o móvel de sua política externa"; "O sionismo é o legatário moral das vítimas do holocausto". Esses são os quatro principais mitos sobre os judeus na Palestina, desmontados por Schoenman.

HISTÓRIA DA III INTERNACIONAL COMUNISTA

PIERRE BROUÉ

Neste apaixonado relato, Pierre Broué mostra o cotidiano, os bastidores e as polêmicas que constituíram a pré-história e a fundação da III Internacional Comunista, que, além da ação serviu também para a confrontação. "Não, a vitória não veio ao encontro, Lênin morreu e Trotsky foi afastado e assassinado!" E esta mesma história continua!

DITADURA REVOLUCIONÁRIA DO PROLETARIADO

NAHUEL MORENO

Dirigido aos jovens leitores de esquerda, este trabalho polêmico sobre a "Democracia Socialista e Ditadura do Proletariado", resgata uma das discussões mais importantes que se deram dentro das fileiras da IV Internacional. Demonstra como setores de "novos e velhos dirigentes, formados nas salas das universidades, estão provocando estragos em nossa herança marxista".

A ORIGEM DA FAMÍLIA, DA PROPRIEDADE PRIVADA E DO ESTADO

FRIEDRICH ENGELS – Introdução de Henrique Carneiro

Baseado nos estudos de Morgan, Engels busca demonstrar a origem da opressão, o surgimento do Estado e a relação desses dois fenômenos com o advento da propriedade privada. A introdução de Henrique Carneiro resgata o método de Engels e atualiza, a partir do progresso da ciência no terreno da história e da antropologia, os conceitos discutidos por este grande teórico.

MATERIALISMO DIALÉTICO

Luiz Roberto Rezende Martins (org.) – Extratos de textos de ENGELS, MARX, LÊNIN, TROTSKY, NOVACK e MORENO

Apresenta ao leitor, iniciado ou não no Materialismo Dialético, a oportunidade de estudo de um tema de fundamental importância para a compreensão da realidade e da necessidade de revolucioná-la.

VIII CONGRESSO MUNDIAL DA LIT-QI: RESOLUÇÕES E DOCUMENTOS

Primeiro da série "Documentos de Congressos" (anteriores e próximos), expressa a síntese dos debates do último Congresso Mundial da Liga Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional, realizado em julho de 2005. Abrange desde as saudações das delegações, documentos e resoluções aprovados, até o encerramento.

Editora
Instituto José Luís e Rosa Sundermann

editora_jlrsundermann@yahoo.com.br
(11) 3106 3345